

A arte da memória – percurso histórico e atual

LODI ZAGHI. Luis H.¹

¹ Bacharel em Filosofia, Pedagogo e Mestrando em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor de Filosofia e Pedagogia no Centro Universitário Ítalo Brasileiro – UNIÍTALO.

E-mail: lodizaghi@gmail.com

COMO CITAR O ARTIGO

LODI ZAGHI, L.H. A arte da memória – Percurso histórico e atual. **UníItalo em Pesquisa**, URL: www.italo.com.br/pesquisa. São Paulo SP, v.6, n.4, p. 181-200, out/2016.

RESUMO

O presente estudo busca apresentar o instigante tema da memória visualizado sobre o ponto de vista da sua problemática histórica, desde as origens, momento da busca inicial por um sistema mnemônico original, até nossos dias. Considera seu percurso histórico, as fontes desta temática e suas relações com a retórica, a psicologia e as contribuições da mitologia, da filosofia e teologia, especialmente através de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Em busca de uma compreensão da atualidade da “arte da memória” em nossos dias, aborda a sua relação com a formação da mentalidade das novas gerações e propõe uma solução aos problemas atuais através de real relação entre memória e linguística.

Palavras-chave. Memória, retórica, filosofia, escolástica.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à présenter le thème passionnant de la mémoire vu sur le point de vue de ses problèmes historiques, depuis le début, lorsque la recherche initiale d'un système mnémoteque jusqu'à nos jours. Considère son parcours historique, les sources de cette question et ses relations avec la rhétorique, la psychologie et les contributions de la mythologie, la philosophie et la théologie, en particulier em saint Augustin et saint Thomas d'Aquin. A la recherche d'une compréhension de l'actualité de "l'art de la mémoire" de nos jours, discute de sa relation avec la formation de la mentalité des nouvelles générations et propose une solution aux problèmes actuels à travers une relation réelle entre la mémoire et le langage.

Mots-clés: Mémoire, rhétorique, philosophie, scolastique.

1 INTRODUÇÃO

Na era da globalização, do franco acesso a todo tipo de informações proporcionado pelas sempre novas tecnologias e formas de mídia bem como no mais variados meios de registros de conteúdo escrito, auditivo e visual, falar sobre a importância do uso e da manutenção da memória parece quase de todo obsoleto quanto supérfluo. Mas, não será a memória ainda fundamental para as relações humanas, tanto no âmbito profissional, quanto nas esferas sociais, pessoais, afetivas, etc., de toda ordem?

O estudo e as pesquisas sobre a memória remontam a antiguidade clássica e forma eles, claro, os gregos os primeiros a tratar do tema, dando subsídios de matrizes de argumentação sobre este assunto tão antigo quanto atual. Compreende-se perfeitamente que, quando nem longe se podia valar de mecanismos tecnológicos de registros mnemônicos, a arte da memória, como é mencionada por diversos autores, era uma busca constante do homem dedicado desde a retórica à poesia.

Os primeiros registros sobre a memória como estudo remontam a Simônides de Caos, o famoso poeta da era pré-socrática, quem, segundo antológica anedota, fora convidado a cantar no jantar de Scopas, na Tássica. Durante festa o poeta cantou em homenagem ao nobre anfitrião e incluiu louvores a Castor e Pólux. O pagamento que lhe foi feito correspondia apenas à metade do contrato, pois Scopas, enciumado pela menção aos deuses gêmeos, mandou Simônides cobrar a outra metade às divindades. E após receber a mensagem de que dois jovens estavam esperando por ele lá fora, saiu sem encontrar ninguém. Neste instante o teto do salão onde todos se encontravam desabou,

tendo se salvado apenas o poeta. Devido ao estado de mutilação dos corpos, não era possível reconhecer ninguém, mas devido à ótima memória, Simônides, lembrando-se o local exato onde cada convidado estava, pode auxiliar no reconhecimento de todos. O ocorrido acabou por auxiliar o poeta a conceber a ideia de uma *arte da memória*, através de técnicas, fazendo com que, por isso, Simônides fosse conhecido como fundador da *arte da memória*.

Cícero em seu *De Oratore* (onde podemos ler esta mesma anetoda) e no anônimo *Ad Herennium*, vemos o desenvolvimento das teorias sobre a memória.

É fácil compreender, pois os textos escritos, habitual refúgio à memória frágil e ao esquecimento, não eram em outros tempos, de tão fácil acesso como a partir do século XIX, pois mesmo após Gutember, nem todos tinham à compreensão dos textos e à sua adequada interpretação. Daí a racial conveniência de uma boa memória, onde se pudesse consultar as fontes de para ilustração das ideias e das argumentações que abrilhantariam as sessões oratórias, os serões poéticos, as prédicas, as longas argumentações judiciais, de defesa ou acusação.

Antes do início do declínio desta arte, indicado por Yates (2008) no século XVIII há durante a Idade Média, especialmente devido à Escolástica com São Tomás de Aquino, como veremos, uma crescente tendência à associação da memória mais à ética do que a retórica, afinal, compreende-se que um homem completo e íntegro não é meramente um recurso a anotações escritas, mas que a consulta bem sucedida a suas fontes internas atesta a favor de sua integridade moral e humana.

Portanto, se em nossos dias os meios de registros substituem e até indicam prescindir quase totalmente desta faculdade, a memória se apresenta cada vez mais útil, para a devida e eficiente compreensão dos registros armazenados artificialmente, bem como adequado contributo para a devida associação entre tantas informações.

2 A ARTE DA MEMÓRIA

O período relativo ao final do século retrasado tem representado fonte de estudos recentes sobre a memória. Além da evidente relação com a psicologia, vemos investigações baseadas em Bergson (filosofia) Freud (psicanálise) e Proust (literatura). Essas pesquisas têm se esforçado para descrever o que venha a ser conceitualmente a *memória*. (SMOLKA, 2000).

Como vimos, o primeiro registros de uma *arte da memória* é devidos aos gregos. Esta arte atravessou a antiguidade como parte da Retórica, e sobreviveu à *débacle* do Império Romano tendo como refúgio, como todos os resquícios de cultura e civilização ocidental, nas ordens monásticas, e posteriormente nas ordens franciscanas e dominicanas durante a Idade Média (COIMBRA, 1989, p. 146). A partir da Renascença, como prova de sua pseudo-filiação com antiguidade clássica e fruto da frivolidade representada por este quadrante histórico, a memória passou a ser abandonada entrou em declínio, conhecendo novo vigor a partir do século XVII, e passou a ter presença nos trabalhos científicos.

3 A MEMORIA E A MITOLOGIA

A ideia da memória está também presente na mitologia grega onde a deus Mnemosyne, a própria divinização da memória. O relato mitológico conta que após a vitória dos deuses do Olimpo, sobre os filhos de Urano, os titãs, foi pedido a Zeus que fossem criadas novas divindades que pudessem cantar a vitória e eternizar a glória do Olimpo. Foi quando então, Zeus deitou-se com Mnemosyne, durante 10 dias consecutivos, cujo fruto, após um ano, foi o nascimento de nove musas, que cantavam o tempo: o passado, o presente e o futuro. Eram elas:

- **Calíope**, cujo nome significa *bela voz* e sua arte representa a *eloquência*;
- **Clio**, cujo nome significa *a proclamadora* e sua arte representa a *história*;
- **Erato**, cujo nome significa *amável* e sua arte representa a *poesia lírica*;
- **Euterpe**, cujo nome significa *a doadora de prazeres* e sua arte representa a *poesia música*;
- **Melpômene**, cujo nome significa *a poetiza* e sua arte representa a *tragédia*;
- **Polímnia**, cujo nome significa *a de muitos hinos* e sua arte representa a *música cerimonial (sacra)*;
- **Tália**, cujo nome significa *a que faz flores brotar* e sua arte representa a *comédia*;
- **Terpsícore**, cujo nome significa *a rodopiante* e sua arte representa a *dança*;
- **Urânia**, cujo nome significa *a celestial* e sua arte representa a *Astronomia e Astrologia*;

4 A MEMORIA E OS FILÓSOFOS

Como vimos na introdução, Simônides é o primeiro a estabelecer as regras da arte da memória, aludindo a criação da *imagem* como meio para concepção de regras mnemônicas, bem como a utilização de *locais* ou *lugares* da memória. Segundo SMOLKA (2000),

Como poeta e pintor, Simônides, trabalha articuladamente os métodos da poesia e da pintura: pintura é poesia silenciosa; poesia é pintura que fala. Tanto para a poesia como para a pintura, e também para a arte da memória, é dada importância excepcional à visualização intensa. É preciso ver locais, ver imagens.

Além de Simônides de Caos, três outras são fontes da antiguidade onde encontramos os primeiros registros sobre a arte da memória, a partir dos quais se desdobraram o que conhecemos hoje sobre este tema: o anônimo *Ad Herennium*; a obra *De Oratore*, de Cícero; e o *Instituto Oratório*, de Quintiliano.

Nestas obras vemos as primeiras relações entre ideias e imagens e lugares. Ou seja, a memorização de lugares, auxilia a fixação de ideias de modo a memorizá-las e consultá-las oportunamente.

Devemos, então, dispor imagens de maneira que possam aderir mais longamente à memória. E devemos fazer isso se estabelecermos semelhanças as mais notáveis possíveis; se fixarmos imagens que não sejam nem muitas nem vagas, mas ativas; se atribuirmos a elas beleza excepcional ou feiura singular; se ornarmos algumas delas com coroas ou capas, de modo que a similitude possa ser ressaltada para nós; ou se de algum modo as desfigurarmos, introduzindo uma mancha de sangue, ou sujarmos com lama, ou tinta, de maneira que sua forma fique mais admirável; ou atribuindo ainda certos efeitos cômicos às imagens, porque isso também assegura nossa recordação mais rápida. (*Ad Herenium*, apud Yates, 2008)

O trabalho anônimo contido em *Ad Herenium*, nos apresenta esse esforço para buscar métodos práticos de memorização, que nos apresenta formas de organização dos registros, como empregado na antiguidade.

A memória para palavras, que é essencial para nós, tem distinção por uma maior variedade de imagens (em contraste com o uso da imagem de uma palavra por uma sentença da qual ele vem falando); porque há muitas palavras que servem para conectar partes de uma sentença, e estas não podem ser formadas por similitude – dessas que temos que modelar imagens para emprego constante; mas a memória para coisas é a propriedade especial do orador – esta podemos imprimir nas nossas mentes por um arranjo habilidoso de várias máscaras que as representam, de modo que podemos apreender ideias por meio de imagens e a sua ordem por meio de locais. (*Ad Henrenium, apud Yates 2008*)

Desta descrição podemos imaginar quanta disciplina deve ser requerida para a aplicação desses métodos. Cícero veio através de sua *De Oratore* acrescentar repertório à temática da arte da memória, tendo influenciada profundamente o período medieval. Para Cícero a memória é um tesouro da retórica e para ele não existe apenas uma memória, mas:

uma natural, [e] outra produzida pela arte. Natural é aquela situada em nossa mente e nascida junto com o pensamento; artificial é aquela que certa indução e método preceptivo consolidam. Porém, como em tudo mais, é frequente a aptidão do engenho imitar a doutrina, e a arte, por sua vez, fortalecer e aumentar a comodidade natural. Assim acontece aqui: às vezes a memória natural, se alguém a tem excelente, é semelhante à artificial, que, por sua vez, conserva e amplia a comodidade natural com um método de ensino. Por isso, para ser excelente, a memória natural deve ser fortalecida pelo preceito, bem como precisa do engenho aquela que se adquire com a doutrina. E nessa arte, nem mais, nem menos que nas outras, ocorre que a doutrina se ilumine com o engenho e a natureza com o preceito. Por isso, essa instrução será útil

também para aqueles que por natureza têm boa memória, o que seguramente logo poderás compreender. Mas, ainda que estes, fiados em seu engenho, não precisassem de nossa ajuda, ainda assim estaríamos justificados por querer ajudar os menos favorecidos pelo engenho. Agora falemos da memória artificial. (CÍCERO, 2005, p. 183 *apud* DA SILVA, 2013).

Nos escritos de Cícero vemos que, apesar de a abordagem sobre a arte da memória ter passado por transformações, este autor conserva a mesma estrutura de associação entre *pessoas/imagens*, *espaços/lugares*.

A memória artificial constitui-se de lugares e imagens. Chamo lugar, aquilo que foi encerrado pelo homem ou pela natureza num espaço pequeno inteira e distintamente, de modo que possamos facilmente percebê-lo e abarcá-lo com a memória natural: como uma casa, um vão entre colunas, um canto, um arco e coisas semelhantes. Já as imagens são determinadas formas, marcas ou simulacros das coisas que desejamos lembrar. Por exemplo, se queremos guardar na memória um cavalo, um leão ou uma águia, será preciso dispor suas imagens em lugares determinados. Agora mostraremos que espécie de lugares devemos descobrir e como encontrar as imagens e colocá-las nos lugares. (CÍCERO, 2005, p. 183-4 *apud* DA SILVA, 2013).

Entrando num processo pragmático, Cícero passa a apresentar “exercícios” práticos de memorização, aparentemente infantis, mas cuja eficácia foi atestada pelos séculos sucessivos.

Os lugares assemelham-se muito a tábuas de cera ou rolos de papiro; a imagens, a letras; a disposição e colocação das Imagens, à escrita; a pronúncia, à leitura. Devemos, então, se desejarmos lembrar muitas coisas, preparar muitos lugares, para neles colocar muitas imagens. Também julgamos que se devam ordenar esses lugares, para não acontecer de, por confundir a ordem, sermos impedidos de seguir as imagens partindo do ponto que quisermos - do começo ou do fim -, e de proferir o que havia sido confiado aos lugares. Com efeito, se víssemos vários de nossos conhecidos em pé, numa determinada ordem, seria indiferente para nós começar a dizer

seus nomes do começo, do fim ou do meio da fila. O mesmo acontecerá com os lugares dispostos numa sequência: uma vez lembrados pelas imagens, poderemos repetir aquilo que assinalamos aos lugares, começando de qualquer lugar e indo na direção que desejarmos. Por isso é bom dispor também os lugares em ordem. (CÍCERO, 2005, p. 185 *apud* DA SILVA, 2013).

Segundo SMOLKA (2000), Platão demonstra sua suspeita em relação à *mímesis*, e faz uma crítica à poesia – não pelo seu aspecto criativo, mas pela sedução que exerce:

a atração da *mímesis* é estranha ao “pensar”. O filósofo, amante da verdade e da sabedoria, difere do poeta, amante de espetáculos e da opinião. Com Platão, uma teoria da Memória é fundamentalmente uma teoria do Conhecimento. [...] Platão usa a metáfora de um bloco de cera para falar da memória – há um bloco de cera em nossas almas. Em cada indivíduo o bloco de cera tem qualidades diferentes. A cera não é nem tão fluida quanto a água, que não permite reter, nem tão dura quanto o ferro, que não permite marcar. Guarda impressões por excelência.

Fiel à sua teoria sobre as ideias, Platão crê que a memória é o conhecimento da verdade, portanto, para ele, aprender é recordar, de modo que todo conhecimento e aprendizagem é um esforço para relembrar a essência das coisas. Desta forma, para Platão a memória não se organiza neste esquema associativo de *imagens* e *lugares*, mas na concepção de *realidades*. Daí se compreende o porquê Platão se oporá à relação da memória com as musas da mitologia, e até à escrita, que segundo ele oblitera a própria memória. (SMOLKA, 2000).

O texto completo do *Instituto Oratorio*, de Quintiliano, descoberto em 1416, apresentou nova descrição, “fria e crítica da técnica mnemônica”. (COIMBRA, 1989) Para Erasmo, a arte da memória era meramente uma prática medieval; ele acreditava que a memória até

poderia ser aperfeiçoada através da técnica de dos lugares e imagens, mas indicava de preferência o meticuloso estudo da repetição.

5 A MEMÓRIA E O CRISTIANISMO

Como mencionamos na introdução, com a desintegração do Império Romano (476 d.C) e o advento da Idade Média, a arte da memória foi conservada e desenvolvida sobre o prisma cristão e teve grande contributo da Escolástica, no âmbito do pensamento teológico e filosófico tomista. Antes disso, vemos Santo Agostinho de Hipona, abrir o caminho para a abordagem que a arte da memória teria na Idade Média.

Com as invasões bárbaras, restaram apenas algumas descrições alegóricas do sistema educacional clássico fundamentado nas sete artes liberais - gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, música e astronomia. Nessa época em que os oradores perderam sua importância, a memória se transfere da retórica para a ética. E é como parte da virtude cardeal da prudência – memória, inteligência e providência - que a memória é estudada pelos dominicanos Alberto Magno e seu aluno Tomás de Aquino. (COIMBRA, 1989, p. 148)

Baseando-se em São Tomás de Aquino, Brennan (1969b, p. 207 *apud* LAMARTINE, p. 66) define a memória como “o poder para representar de um modo concreto objetos que já foram percebidos anteriormente pelos sentidos, mas que não se acham atualmente presentes”, ressaltando que São Tomás prefere o termo grego *phantasma* à expressão latina *imago* para definir o objeto da imaginação, o que ele considera como a “ideia em potência”. (LAMARTINE, *ibidem* p. 66)

Mercier (1942 *apud* LAMARTINE) defende que a faculdade imaginativa tem três funções: uma “retentora”, outra “reprodutora” e uma terceira que ele intitula de “construtora”. O poder de conservar e de reproduzir as imagens, segundo ele, pode ser denominado de “memória sensível”, enquanto que a “função construtiva” equivale ao conceito correntemente conhecido de imaginação, ou seja, de combinar imagens já adquiridas a fim de dar forma a novas imagens, as quais não sejam necessariamente existentes na vida real. É o que ocorre, por exemplo, com o pintor, que representa em uma sua tela uma paisagem imaginária, fruto de várias paisagens já vistas por ele durante sua vida.

LAMARTINE menciona que esta distinção apresentada por Mercier já era feita por Aristóteles (*De Anima*, L, III, *apud* LAMARTINE)

atribuindo à imaginação reprodutora a propriedade de reproduzir percepções de forma não elaborada, e à construtora, a ‘criação’ de imagens novas, por ação da inteligência e da vontade, re-combinando percepções e imaginações passadas. Enquanto a criadora é própria dos homens, a reprodutora é comum com os animais. Apesar de ser um tipo especial de imaginação (retentora e reprodutora), a memória é tão rica, entretanto, que é considerada um sentido interno à parte.

Já Brennan (1969b, p. 217 *apud* LAMARTINE, p. 66) define a memória como “a faculdade de evocar fatos do passado e identificá-los como tais” e que isso é o que a diferencia da mera imaginação retentora. Seguindo o exemplo gastronômico apresentado por Lamartine (2007), “imaginar uma feijoada é diferente de lembrar a última que comemos”.

Nesta mesma obra, Brennan acrescenta que assim como os demais sentidos internos, a memória, é uma potência mista, psicossomática. No processo mnésico pode-se diferenciar a

UnifalO em Pesquisa, São Paulo SP, v.6, n.4 outubro 2016

identificação (lembrança com ajuda de um estímo) e recordação (sem essa ajuda). Por exemplo, uma pessoa pode ter dificuldade de se recordar de alguém pelo registro mnemônico de sua fisionomia, mas certamente será mais fácil o reconhecimento diante de um retrato falado.

Brennan (1969b *apud* LAMARTINE) baseando-se em São Tomás apresenta as seguintes etapas do processo mnésico da seguinte forma:

- 1ª - Percepção e impressão original;
- 2ª - Fixação consciente (ou subconsciente) da experiência, que depende de maior ou menor atenção;
- 3ª - Retenção, na forma de imagens, do que foi percebido;
- 4ª - Restauração dos fatos passados na consciência;
- 5ª - Localização da imagem no tempo (e, conforme o caso, no espaço). Esta última etapa é a que a distingue do mero processo imaginativo.

Fiel às fontes antigas da arte da memória, São Tomás (*apud* LAMARTINE) a memória age em função de conexões existentes entre imagens evocadas. São Tomás menciona que a causa disso é a tendência da mente de reproduzir as imagens na ordem em que foram registradas. Em *De Memoria et Reminescentia*, *apud* LAMARTINE) Aristóteles estabeleceu as “leis da associação”:

- 1ª) Lei da semelhança: A semelhança tende a associar a evocação dos objetos. Por exemplo, vejo uma caneta qualquer e lembro de minha caneta específica;
- 2ª) Lei do contraste: A associação pode se estabelecer entre objetos opostos. Posso lembrar de um vinho, por exemplo, vendo a garrafa vazia; lembro-me de um político e recordo seu adversário;
- 3ª) Lei da proximidade: A associação se estabelece entre objetos próximos um dos outros, temporal ou espacialmente, como posso lembrar da morte vendo um caixão de defunto.

E por fim, Brennan (1969b p. 220 *apud* LAMARTINE, 2007, p. 68) resume as leis da associação, de Aristóteles, da seguinte maneira: “Quando se recorda parte de uma experiência anterior, esta tende a evocar as partes restantes”.

Como vimos, a Escolástica aportou preciosa colaboração ao estudo da memória e suas implicações filosóficas e psicológicas, apresentando inclusive um enfoque muito prático ao assunto. Como contribuição tomista à arte da memória, podemos considerar que, segundo LAMARTINE (2007)

a Psicologia da aprendizagem pode se beneficiar diretamente [estudo de São Tomás de Aquino]. Neste particular, o Padre Brennan apresenta algumas regras sugeridas pelo próprio São Tomás para o cultivo da memória (S.T., P. II-II, q. 49, a. 1, r. a obj. 2, *apud* BRENNAN, 1969b) que são de toda conveniência para qualquer estudante. São elas:

- 1º) Introduzirmo-nos no trabalho com verdadeira vontade de aprender (mobilização da potência volitiva, portanto);
- 2º) Examinar cuidadosamente e dar uma certa ordem ao que desejamos memorizar (intervenção da inteligência, gerando associações mais potentes que as dos simples sentidos);
- 3º) Buscar exemplos claros do que procuramos reter. Neste ponto, ele ressalta que os fatos menos frequentes são mais úteis como exemplo, porque produzem impressão maior que os corriqueiros – o que explicaria a facilidade mnésica das crianças, para as quais tudo é novo;
- 4º) Repetir com frequência o que tentamos reter, já que a repetição é a base da aprendizagem.

6 A MEMÓRIA E OUTRAS CONTRIBUIÇÕES

A contribuição de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino ao estudo da memória deu, o que é compreensível, uma roupagem toda ela eminentemente espiritual e cristã à essa temática, mas com o passar do tempo, outras contribuições foram sendo feitas junto ao ensino. Um

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.6, n.4 outubro 2016

movimento relevante merece especial menção nas elaborações e concepções deste assunto, e que está ligado a uma visualização cabalística, astrológica e até, de certo modo, “mágica” da memória tendo Giordano Bruno como um dos maiores representantes desta corrente e teorias ocultistas sobre a memória (LE GOFF, 1986, *apud* SMOLKA, 2000).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este rápido e, a fortiori, superficial, passeio histórico desde as origens do que costumamos chamar de a arte da memória, nos dá a noção da importância que o ser humano sempre deu ao incremento e ao acesso a este maravilhoso e misterioso acervo onde reside sua memória.

Para as gerações atuais é incompreensível que, ao enunciar temas relacionados à memória, não se venha à mente, imediatamente, argumentos vinculados à tecnologia, ao registro de informações e seu manuseio. Nós vivemos na era da informação. Se não se sabe tudo, sabe-se ao menos onde tudo está registrado; ou ao menos dever-se-ia saber.

É opinião quase unânime que avanços na área de sistemas inteligentes se darão junto com avanços na teoria do conhecimento. Estes avanços dependem da colaboração interdisciplinar entre filósofos, linguistas, matemáticos e especialistas de qualquer área. Dependem ainda da formação de um novo tipo de profissional, o engenheiro de conhecimento, atuando no que já é chamado de uma epistemologia aplicada. [...] A memória artificial era praticada na antiguidade. A inteligência artificial é hoje um tema corrente. (COIMBRA, 1989, p. 152)

Nossos dias, de tantos meios de registro de dados, de tanta facilidade de fixação de imagens instantâneas, sejam fotografias, vídeos, textos, etc., qual poderia ser o papel da memória?

Talvez o caminho que possua uma base mais clara para uma resposta mais adequada e completa a esta pergunta seja na devir das gerações, que, tendo na nossa como exemplar desta realidade trágica: nós hoje temos muitas informações, mas não sabemos lidar com ela. Temos acesso a muitos dados, mas não sabemos processá-los em nós mesmos.

Será que erraríamos em associar a mesma fonte de novos registros mnemônicos artificiais (leia-se tecnologia), à diminuição da capacidade de concentração e de associação de ideias?

Desde meados do século passado, e especialmente a partir do fenômeno juvenil personificado no “maio de 68” na Sorbonne, uma tendência ao espontâneo e ao superficial foi tomando conta das novas gerações.

Essa tendência à predominância dos sentidos e das impressões sobre o raciocínio foi sendo alimentada pela difusão universal da televisão e dos aparelhos eletrônicos de todo tipo, que favorecem unicamente a sede de novidade, de novas impressões, sem o concurso do pensamento. A sucessão veloz das imagens e dos fatos nem permitem a devida análise da razão. O homem contemporâneo vive, assim, de sensações. (LODI ZAGHI, 2012, p. 38)

Ainda que hoje em dia tenham surgido muitas pesquisas sobre a memória e pululado incontáveis cursos de memorização e afins, não é fácil reconhecer nenhum que busque “atacar” as verdadeiras causas ou problemas que levam à falta do cultivo da memória ou as causas de sua perda frequente.

No âmbito dos estudos acadêmicos, pode-se deduzir, como se desprende destas linhas, a arte da memória tem livre “cidadania” não apenas na psicologia, mas na filosofia e muito especialmente, nos estudos linguísticos.

Dentre os grandes “pensadores da alma”, Aristóteles e Agostinho exploraram a dimensão psíquica, discutiram profundamente as relações pensamento e linguagem, investiram na compreensão da memória e teorizaram sobre a função do signo na experiência humana. (SMOLKA, 2000). Herdeiros da mesma tradição, e ancorados nas contribuições teóricas de tantos outros pensadores, Vygotsky e Bakhtin vão falar sobre a emergência e o funcionamento do signo na vida mental, a partir de uma perspectiva do materialismo histórico. O modo como interpretam o material semiótico no funcionamento mental nos sugere que a dimensão psicológica não pode ser separada da significação e do discurso. A realidade psicológica, de natureza fundamentalmente social, é necessariamente mediada/constituída por signos. A palavra, como signo por excelência, constitui modos específicos de ação significativa, de modo que a memória humana e a história tornam-se possíveis no/pelo discurso. Assim, onde existe imagem, imaginação, imaginário, memória, aí incide necessariamente o signo, e mais particularmente, a palavra – *verbum*.

Em função destas observações podemos deduzir o porquê a memória está tão ligada à Retórica, com integrante do “cânon da retórica” como nos indica Tringali (2014) não como a quinta parte, junto às quatro já tão bem conhecidas por nós: *inventio* (*heuresis*), *dispositio* (*taxis*), *elocutio* (*lexis*) e *actio* (*hypokrisis*), mas como permeando todas elas, dando-lhes suporte de raiz e inspiração.

Deste modo, podemos discernir no anseio por um novo *locus* da memória a própria busca pelo aperfeiçoamento da linguagem e seus, ao mesmo tempo, intrincados e ricos desdobramentos, produzindo um vasto e promissor repertório de discurso, que não é senão a memória-expressa.

REFERÊNCIAS

BRENNAN, Robert Edward, O. P **Psicología general**. Trad. Antonio Linares Maza. 2. ed. Madrid: Morata, 1969b.

CAVALCANTI NETO. Lamartine de Hollanda. **Contribuições de São Tomás de Aquino à Psicologia**. São Paulo: 2007.

COIMBRA, Carlos Alberto. **A Arte da Memória e o Método Científico**: da memória artificial à inteligência artificial. Resenha. Estudos Históricos. 1989. Acessado em: bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2271/1410

DA SILVA, Acir Dias. **Tessituras do tempo e a arte da memória**. Revista Travessias. Vol. 7, nº 2. 18ª ed. 2013.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, capítulo sobre “Memória”.

MERCIER, Desiré Joseph. **Curso de filosofia – psicologia**. Buenos Aires: Anaconda, 1942.

SMOLKA, A. L. B. **A memória em questão**: uma perspectiva histórico-cultural. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, julho, 2000)

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. In Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1984. Livro X.

TRINGALI, Dante. **A memória e seus Problemas na Retórica**. In A Retórica Antiga e Outras Retóricas. São Paulo: Musa, 2014, p. 210-29

YATES, Frances. **A Arte da Memória**. Editora Unicamp. Campinas, 2008.